



VIDA ARTISTICA

SEMANARIO DE ARTES E LETRAS

Director e proprietario—J. PEDROSO AMADO

Chefe de redacção—VALENTIM T. COSTA E SILVA

Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. 8300
6 "	" 8600
12 "	" 18200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. 8900
6 "	" 18800
12 "	" 38600

PREÇO AVULSO

30 RÉIS

—+—

Redacção e Administração
Trav. da Queimada, 42, 1.º
LISBOA

Composição e Impressão
Offic. Illustração Portuguesa
Rua do Sento, 43

À constancia se deve toda a gloria

LUIZ DE CAMÕES.



Medina de Sousa

OFFICINA DE ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Medina de Sousa

Na curta galeria das actrices cantoras portuguezas, Medina de Sousa marca incontestavelmente um lugar de destaque.

Não basta só que uma garganta tenha sido dotada com vocação para o canto e que a escola a tenha educado, não, ha alguma coisa ainda que se não aprende, que nasce com a pessoa, embora á semelhança do brilhante colhido ao filão, precise lapidado, o sentimento.

E é esse condão de uma rara subtilidade que Medina de Sousa suggere ao seu canto, cheio de coloridos, de nuances maravilhosamente detalhadas.

Não só como cantora Medina de Sousa é artista, o seu espirito cultivado na leitura são de bons prosadores, tem-lhe grangeado



MAURICIO BENSAUDE

o respeito da sua classe ao ponto de a elegerem para a direcção da sua associação de classe e os poderes publicos sancionaram esta nomeação com o convite para fazer parte da comissão remodeladora do theatro nacional.

Que mais seria preciso para que acertadas fossem as nossas asserções?

No proximo dia 4 de Maio realisa Medina de Sousa a sua festa artistica no theatro da Trindade e nunca a palavra Arte no restricto emprego da sua resonancia foi tão bem aproveitada.

Dando o braço a Mauricio Bensaude que gentilmente, artisticamente, com ella cantará a opera comica de Massenet *D. Cesar de Bazan*, um relevante cunho de Arte resultará da recita em 4 de Maio no theatro da Trindade.

Assim o auguramos.

COSTA E SILVA.



MARIO DE ALMEIDA

Em o nosso proximo numero, encetaremos a publicação de uma série de artigos d'este distincto escriptor, cujos meritos de poeta e prosador superfluo seria encarecer.

UM PENSAMENTO

Se eu fôra uma Steel, uma Sevigné, uma Maria Vicent ou ainda uma Domitilla de Carvalho, teria muitas vezes bases e thema para, em versos ardentes ou mesmo prosa vibrante e arrebatadora, descrever o estado do meu espirito depois de haver contemplado alguns lindos quadros que o acaso me tem proporcionado.

Porém, faltam-me os recursos d'essas artistas litterarias, o seu talento, a sua gen-

tileza, e fico-me a scismar n'essas paisagens que eu avisto e que quereria descrever, podendo-o fazer apenas n'uma prosa modesta e descolorida, sem entusiasmo, sem ardor e simplesmente com a sinceridade da minha alma e a simplicidade do meu espirito.

Quantas vezes, eu passeando sob um espesso arvoredado, para distrahir a vista e respirar o ar puro que nunca recebemos na cidade, contemplo aquellas arvores gigantes, aquellas debéis e mimosas florinhas, aquellas folhas de hera que se enroscam em torno das palmeiras, esses prodigios da natureza, com uma commoção que me perturba e me faz ter uma respeitosa admiração pela natura, pelo Creador, por quem enfim teve tal arte, tal genio, tal bom gosto!...

Fico-me então a scismar no encanto que eu sinto ao estar no meio de tal paraíso, ouvindo o trinar das avesinhas, vendo muitas vezes correr-me a agua sob os pés e na alegria que sinto ao divisar ao longe uma figura altiva e sympathica que, embevecida na leitura, ouve, talvez, o segredar d'alguma andorinha, communicando-lhe na sua linguagem todo o seu enlevo, toda a sua felicidade!

Ouvi ali um dia, alguém dizer que era infeliz e como isso me perturbou o espirito! Pensava eu, que ali jámais alguém poderia sentir-se infeliz e n'esse momento ouço fazerem-me uma affirmação que me arrancou do extase que me causára aquella atmospheria.

Desde então, procurei desvanecer essas palavras do meu espirito, mas não o consegui! Callaram de tal fórma no meu animo e produziram um tal effeito na minha alma, que nunca as esquecerei, assim como aquella figura altiva e sympathica, que eu vi pela primeira vez, embevecida na leitura, quem sabe se, escutando o segredar d'alguma avesinha!...

Lisboa, 20 de Abril de 1911.

A. N. A. C.

Não obstante todo o cuidado empregado na revisão da *Revista*, alguma coisa ha que passa.

Assim, no nosso ultimo numero sahio com o nome de Joaquim Cunha o delicado auctor de *Os Poetas* quando devia ser Jayme Cunha, gralha de que pedimos desculpa ao mimoso poeta e aos nossos leitores.

Primavéra!

Primavéra, estação viridente,
Mensageira de risos e flores!
Vem dar vida á minh'alma, que morre,
Vem ungil-a de gratos odôres!...

Quando voltas, o sol é mais bello,
Tem a lua pallor q' e seduz,
Cada estrella é um facho brilhante
Que na abobada infinita reluz.

Tudo accorda do longo lethargo
Do Inverno gelado e sombrio;
Esmeraldinos, se enfeitam os campos
E azul é a agua do rio.

Tens manhãs romanescas, formosas,
Em que canta a gentil cotovia,
Que nos levam a mundos distantes,
Mansões d'ineffavel poesia.

Nos vérgéis, tuas auras subit
Vão as flores docemente agitar,
Murmurando trementes endeixas,
Como êchos longiquos do mar.

O mortal te estremece e aneia
Por teus tépidos dias risonhos,
Do perfume suave das rosas,
Da molleza indolente dos sonhos.

E' por isso que, a ti, Primavera!
Tempo lindo, de risos e flores,
Eu supplico que venhas dar vida
A' minh'alma, que morre... d'amores!...

JAYME CUNHA

A FESTA

DA

"VIDA ARTISTICA"

NO

GYMNASIO

Nós não preveramos que tão larga assistencia coroasse de um bello exito a festa de propaganda que realisamos ante-hontem no theatro do Gymnasio.

Supremo consolo de sentir correspondidos os esforços realisados, e a gentileza de um grande publico que por completo enchia a vasta sala, anima-nos dos melhores desejos de com um grande carinho, com uma enorme boa vontade pensarmos em um emprehendimento absolutamente de novidade para Portugal, não já na presente época theatral, mas no principio do proximo inverno.

A recita de quinta-feira, a que não obedeceu como notorio foi, senão uma forma de apresentação perfeitamente inedita no nosso meio, excedeu a nossa expectativa e profundo é o nosso reconhecimento para com todos que a ella assistiram.

A peça original dos srs. Chagas Roquette e Alvaro Lima «Sherlock» esplendida da graça a que os artistas do Gymnasio imprimiram um grande relevo, os engraçados versos ditos por Henrique d'Albuquerque e Carlos Shore e a cançoneta «Pouca Sorte» por Telmo Larcher, mantiveram a grande assistencia em completa gargalhada.

A conferencia de Eduardo de Freitas, pena foi que uma má interpretação o obri-gasse a não concluir.

O assumpto de que elle ia tratar é bastante melindroso, tão melindroso mesmo, que nós não o discutiremos, não o apreciaremos.

Entretanto parece-nos que as manifestações de desagrado se pronunciam nos finais dos casos tratados e não com um ruído por tal fórma constante a ponto de obrigar o conferente a retirar-se sem ter sequer exposto as bases das suas opiniões.

Emfim a recita no Gymnasio a que tambem presidiu o fim caritativo pois 50% da seu receita reverteu a favor do «Vintem Preventivo» deixou-nos planos de agrado com este ao publico aos interpetes e á imprensa.

Recita dos alumnos do Conservatorio

Sob a egide talentosa do dr. Julio Dantas os alumnos do curso d'arte dramatica do Conservatorio vão reviver esta noite no palco do Nacional a comediographia dos seculos XVI, XVII e XVIII.

E' tambem hoje que se inaugura no atrio da Casa de Garrett o busto do inolvidavel actor e bello velhinho que em vida se chamou Taborda.

Extrangeiro

MONUMENTO A COQUELIN

Poucos paizes terão, como a França, uma admiração tão sincera e um tão grande carinho pelos seus artistas.

Applaudes-os com enthusiasmo, pagalhes esplendidamente e defende-os contra as censuras extranhas, e, quando morrem, recorda seu nome com orgulho e rende piedoso culto á sua memoria.

Coquelin era, como é sabido, um dos seus artistas predilectos. Na Comedia Francaza causava as de icias do publico na interpretação dos personagens classicos.

Quando creou o *Cyano*, foi considerado como insubstituivel representante d'aquella grande figura eminentemente nacional, e sua morte, occorrida nas vesper s de sua anceada creação de *Chantecler*, produziu geral sentimento.

Não só como artista gosava Constant Coquelin de grandes prestigios; seu nome havia conquistado tambem o respeito dos seus concidadãos pela fundação da «Maison des Comediens», o admiravel retiro do Pont-aux-Dames, instituido pelo insigne actor para seus companheiros de arte, que ao fim da carreira se encontravam velhos e sem fortuna. Esta obra de philantropia, digna de ser imitada em todas as partes, foi para Coquelin, sobre todas as que tivera na sua vida artistica, uma das maiores.

E ali, no sympathico asylo de Pont-aux-Dames, n'aquelle jardim amavel e cheio de sol, consolo dos pobres naufragos da vida da arte, se ergue a estatua de Coquelin, obra do esculptor Mercier, que se acaba de inaugurar tão solememente.

Ao acto assistiu uma grande concurrencia, composta na sua grande maioria de actores e litteratos, e n'elle usaram da palavra, para enaltecer o artista e o homem immortalizado no bronze, o governador, o presidente da Sociedade de Actores, o vice-presidente da Sociedade dos Auctores e Mounet Sully, decano da Comedia Francaza.

Constante Coquelin apparece no monumento do artista na figura e com o traje do popular *Scapin*, de Molière, que foi um dos seus typos favoritos.

ACTUALIDADES THEATRAES

Estreou-se no theatro Principal, de Barcelona, o drama em quatro actos, de Angel Guimerá, *La reina joven*, que foi acolhido pelo publico com grande enthusiasmo. O auctor, que foi chamado ao proscenio no final de todos os actos, teve, ao terminar o ultimo, uma ovação das mais calorosas que se registam nas chronicas theatraes.

A' sahida do theatro era Guimerá espedrado por mais de quinhentas pessoas, que o acompanharam até sua casa, por entre enthusiasmo: applausos.

—Outro successo theatral da passada semana foi a peça que se estreou no theatro Apolo, de Madrid, original de Ansejo e Torres del Alamo, com musica do maestro Calleja, intitulada *El chico del cafetin*, obra que obteve o primeiro premio no concurso theatral ha pouco realisado.

El chico del cafetin, que é um acertado quadro de costumes, foi calorosamente applaudido, sendo feitas diversas chamadas aos auctores e ao maestro Calleja, que ornou *El chico del cafetin* com uma musica agradabilissima.

—No theatro do Principe Affonso deu um brilhante concerto a genial artista Carmencita Perez, pensinada por S. A. R. a Infanta D. Izabel e que obteve, por unanimidade, o primeiro premio do Conservatorio de Madrid, assim como os premios Estela, Ortiz e Cussó.

Esta joven artista foi discipula do reputado maestro Tragó, que lhe custeou a carreira em que tantos exitos ha de obter, a julgar pelo que succedeu na noite do seu ultimo concerto no theatro Principe Affonso.

JOGOS FLORAES EM MURCIA

Com grande brilhantismo, realisaram-se em Murcia os jogos floraes, nos quaes obteve o primeiro premio da flor natural o insigne poeta D. Enrique Soriano.

A señorita Pilar Diaz Guirás de Revenga, rainha da festa, deslumbrante de belleza, representou a mulher murciana, e o sr. Vasquez Mel a, organisador dos jogos floraes, pronunciou um brilhantissimo discurso, que foi repetidas vezes interrompido por estrondosas salvas de palmas.

OS NOVOS UNIFORMES DO EXERCITO FRANCEZ

O governo francez vae vestir o seu exercito completamente de novo.

Desapparecerão as côres berrantes, ficando substituidas por uma cor uniforme, gris, verde claro, para todos os corpos, que só se distinguirão por pequenas variantes para as diferentes armas do exercito.

VACCA MARINHA

Acaba de entrar a fazer parte da collecção do museu oceanographico do rei de Inglaterra uma vacca marinha, unica da sua especie, que foi pescada no Anthartico. Tem uns olhos enormissimos, tres vezes maior do que os das phocas ordinarias, e chama a attenção pela immensa grossura do seu corpo.

TOUROS NA BABYLONIA

Entre os diferentes objectos que se tem encontrado nas recentes escavações do Mesopotamia figura o curiosissimo sello que representa os babilonios Gilgamench e Ea-Bani estoqueando cada um o seu respectivo touro, ahí pelo anno 2450 antes da era de Christo, que é como quem diz uma corrida de touros de ha 4300 annos.

JARDIM LILIPUTIENSE

A camara municipal de Tokio mandou construir, no parque Balterrea, como recordação da exposição japoneza em Londres, um lindissimo jardim em miniatura, onde tanques, arvores, construcções, lagos, tudo, n'uma palavra, é diminuto, proporcionando assim aos visitantes uma originalidade de conjunto artistico e caprichoso, digna de ser admirada.



Republica

«Kean»

O assumpto dominante da ultima semana foi a festa artistica de Angela Pinto, que não correspondeu á expectativa de um publico que litteralmente encheu, na penultima sexta feira, a vasta saia do theatro da Republica.

E não correspondeu porque mãos homidas, guiadas por Angela Pinto, sangram vilmente em canibalesco repasto a primorosa producção de Alexandre Dumas, que em Lisboa já teve noites de inesquecivel successo.

Quem esqueceu o magistral desempenho de Rosa Damasceno, Maria Falcão, Augusto Rosa e Augusto Antunes, sem lembrar, claro, Brazão, que se hoje não dispõe já do folego que o consagrou, ainda é inexcedivel no papel de *Kean*?

Sem espirito comparativo, sómente guia-



do pela verdade irrefutavel, a festa de Angela Pinto foi uma verdadeira lastima, tanto mais grande quão grande é o seu valor artistico.

O papel de Anna Damby não pôde nunca ser representado pela fórma como aquella actriz o fez, dado que quem o desempenhe o leia com attenção e um pouco de boa vontade de acertar.

No dialogo entre ella e *Kean*, no acto da taberna, justifica-se exuberantemente qual a psychologia evocada pelo auctor.

Surge-nos depois o sr. Chaby Pinheiro. A qualquer outro actor a quem a critica tão justamente não tivesse celebrisado, permittir-se-hia o desacerto como interpretou o papel de Salomão, bem como abunda no mesmo desastre a sr.^a Adelina Abranches.

Como é a primeira vez que mal nos impressionam, não desarrumaremos o armario das provisões desagradaveis, que oxalá continue a empoeirar-se na quietude de quem nada tem que fazer.

Mas ai de quem lhe estiver ao alcance no dia em que elle sahi do marasmol!

Coisa curiosa, mas verdadeira: quem muito nos agradou, pela correção no trajar, pelo carinho da pintura e pela sobriedade



de empregada, foi um actor a quem não costumam dar papeis de relevo, o sr. Lopo Pimentel.

Pois, sim senhor, não se intimide dos «consagrados», marinhe, trepe com unhas e dentes e deixe que elles tambem fazem, tolices.

TELMO PAES

Em absoluta concordancia com a critica inserta no *Paiz*, sobre a peça do sr. Coelho de Carvalho, *Infelicidade Legal*, com a devida venia a transcrevemos.

A pena de Ed ardo de Freitas é brillantemente entendida no assumpto, como grande é a sua modestia

Perdõe, pois, o nosso caro collega e querido amigo.

A obra de Coelho de Carvalho é de feição litteraria mais que theatral—artificiosa.

Em sua ideia inicial foi provavelmente alguma coisa de dramatico, talvez mesmo que resvalando para a tragedia. Tal como resultou, porém, na factura, a base do drama deu em movimento scenico o que deveria ter imposto de vida, de paixão, de humanismo, emfim.

E' pois uma bella peça litteraria, por isso que intensifica o movimento passional no enquadramento dos conceitos, que nunca no desenvolver de uma interioridade, cujos impulsos marcassem d'um vinculo os caracteres em acção.

Coelho de Carvalho fez, pois, uma obra mais, senão exclusivamente para *discurs* que não para actores.

A outro que não *lôra* este auctor eu perdoaria o palavroso do sentimento que atenua, senão apaga de todo a intenção como mobil das transparencias da acção interior.

Para que elogiar uma obra que possui, sem duvida, o merito das suas bellezas caracteristicas litterarias, se do *theatro* não é propriamente essa a feição?

Para que tentar impôr uma *ideia* cuja movimentação resulta de todo falsa, baseando todo o trabalho de exteriorisação scenica em pontos de theatralidade convencional que só favorece gestos e mascaradas de sentimento postiço?

Em meu entender, pois, tal obra pecca pelo muito que em verdade *diz*, quando deverá impôr-se simplesmente pelo muito pouco que logico e humano fóra inflexionar.

Esta é, quanto a mim, uma deficiencia dramaturgica, que se não justifica lá muito bem em Coelho de Carvalho, por isso que alguns *trucs* intencionalmente aproveitados em a sua obra parecem affirmar-lhe precisamente um genio dramatico de certo interesse senão de caracter inedito de relevo.

E aqui dou de não ao rumo que leva meu pensamento, entrando para já n'uma leve impressão do desempenho:

Logicamente nenhum artista pôde realisar as personagens da *Infelicidade legal* em termos resultantes da vida. Quando muito, e para isso requer-se um talento inflexionador invulgar, podem elles impôr com mais ou menos effeito as bellas phrases, de acento forte e cheio, de côr bizarra contrastante, e movimentos de elasticidade e figuração interessantes.

De resto é isso já alguma coisa de bello que eu poderia ter ensejos de elogiar senão fóra a precipitação, supponho, com que o estudo d'esta peça se realisou.

Em todo o caso Augusta Cordeiro, especialmente esta; Adelia Pereira, Pato Moniz e Carlos Santos não deram de todo em vão o seu esforço e intelligencia.

Maria de Mattos é que não pode passar sem uma leve censura, por isso que, dispondo de qualidades e talento especial de dicção, desprezou-se tanto a parte que lhe coube e que d'algum modo favorecia uns bellos encadeamentos de melodia inflexionadora intencional.

O arranjo scenico de todos os quadros é bom, dando até logar a algumas *passagens* e movimentos grupaes de effeito.

Eis o que me apraz de justiça dizer sobre a *Infelicidade legal*.

E. DE F.



Uma obra cheia de symbolismo no theatro de Monte-Carlo: «As horas do amor», poema de «madame» Despierres, musica de Marcel Bertrand

Mais de uma vez, em varias artigos dispersos em jornaes e revistas, temos sido sempre contra os librettos que nos pintam scenas sociaes como a *Boheme* e *Louise*. As operas, ganham quanto a nós, quando a musica traduz um assumpto grandioso e, sobretudo, ideal; parece-nos que a musica ganha em expansão e o assumpto dá maior azo para que a phrase se desenvolva com mais brillantismo authentico. A corrente moderna dos compositores não segue muito esta maneira de vêr, principalmente os italianos, e é por isso que Ricardo Wagner é para nós o prototypo de librettista e de compositor ideal.

Ha dias foi cantada no theatro de Monte-Carlo uma opera, cujo assumpto nos satis fez por completo, pois reúne um symbolismo verdadeiramente encantador. A opera chama-se: *As horas do amor*. Nas suas linhas geraes eis o assumpto: *Primeira hora* — E' noite, a luz palida da Aurora, vae pouco a pouco illuminando a paysagem.

Docemente a natureza vae-se animando. A luz augmenta e apparece uma rapariga deitada sobre um campo de lyrios; é *Ingenua*. Abre os olhos e fica maravilhada perante aquelle quadro, toda a natureza em festa! Ella, então, ouve e comprehende que paira um mysterio no murmuro das aguas, no canto das aves e pede ás flôres que lhe contem aquelle segredo. Apparece um rapaz cheio de vida, é o eterno caminhante a caminho da aurora nascente, procurando o Ser predestinado que comprehendeu a sua alma. Vendo *Ingenua*, ajoelha deante d'ella, julgando ser o ente que procura atravez do mundo. Elle canta um hymno de amor e triumpho. A luz cada vez é mais viva. *Ingenua*, cheia de pudor, foge-lhe, pois ella é a Aurora que não p. de soffrer a forte claridade do dia.

Segunda hora—O sol lança os seus raios douradas sobre a terra e a *Volupia* apparece; a um gesto seu, o bosque metamorphoseia-se. Os lyrios brancos ficam côr da purpura, nymphas, phantos, apparecem em uma dança louca. O mancebo, vencido pelo desejo, deixa-se levar por uma das nymphas e foge, ao passo que a dança continúa conduzida pela *Volupia*. Apparece *Aphrodite*, as danças param; um hymno a *Aphrodite* eleva-se docemente, renascendo novamente a bacchanal cada vez mais louca.

As tintas avermelhadas do pôr do sol pintam toda a natureza enchendo-a de fogo. A dança vae diminuindo pouco a pouco...

Terceira hora—Temos uma paysagem mais severa, o homem permanece sombrio, triste, chorando a sua desgraça e duvida do Ideal. Entra a *mulher* a contemplar-o por muito tempo. Elle perdeu a sua fé na felicidade, ella curará as suas feridas, será a sua inspiradora, o seu unico pensamento. Ella é a eterna predestinada do infinito amor. O homem reconhece n'ella a tentação do amor. O céu matisa-se de estrellas e os dois amantes caminham pela floresta quasi escura, em um grande enlevo de paixão. Beijam-se loucamente e em um eterno abraço os horizontes das suas vidas tocam-se n'um crescendo de goso e de mocidade.

Por esta simples narração vê-se que o libretto contém elementos bastantes para que a musica possa dar largas á sua phan-

tasia. Diz uma das criticas que appareceu que a scena possui uma tela de Puvís de Chavaunes.

Marcel Bertrand fez uma musica cheia de colorido realista e o desempenho correu para um triumpho completo.

ALFREDO PINTO,
(Sacavem)

Em um dos proximos numeros falaremos de um estudo musical bastante suggestivo: *Cantos guerreiros na Suissa*.

JOLIAS POR LAPIDAR

Por esse paiz em fóra não é desvulgar encontrar verdadeiros temperamentos de artistas a que prejudica uma absoluta falta de cultura.

N'esta secção damos hoje principio a produções de pessoas nas circumstancias apontadas.

Quem nos lê avaliará quanto se poderia esperar d'esses cerebros se os orientasse uma intellectualidade desabrochada.

Guitarra artistica

MOTE

*Guitarra minha guitarra
Solta tens ais minhas queixas,
E's tu a unica amante
Que por outro não me deixas*

(HYLARIO)

I

*Desde mi tenra idade
Comecei a mâr meus sons
Por elles serem tão bons
Eu dediquei-te amizade
Hoje em qualquer sociedade
D'uma forma a sãs bizarra
Quando a minha mão l'agarrar
Minha dôr logo s'acalma
E's a alma da minh'alma
Guitarra minha guitarra.*

II

*Se tu ris tambem eu rio
Se choras tambem eu choro
Porque teu chorar sonoro
Sentimentos m'encutiu
Teu chorar tanto me f'riu
Que de tudo me deixas
Tuas cordas são madeixas
Que adoro a todo o instante
Por isso guitarra amante
Solta tens ais minhas queixas.*

III

*Quando em noites de luar
Eu ouço os teus gemidos
Tê esqueço mil pedidos
Que me estão atrofiar
Nunca posso olvidar
Se teu gemer constante
Que me torna delirante
Que me faz perder o tino
Companheira no destino
E's tu a unica amante.*

IV

*Ao meu lado permanente
Entre lindos arvorêdos
Dos meus maiores segredos
E's tu minha confidente
Porque adoro docemente
Tas accôrdos que desfeixas
Neste viver me deixas
Pelo amor que se mantem
E's a unica; eu sei bem
Que por outro não me deixas*

(Algés)

ARMANDO BARATA.



Victoriano Braga, o novo auctor do «Desaggravo», a nosso pedido annuiu a publicar um excerpto d'aquella sua nova producção, gentileza que muito lhe agradecemos. «Vida Artística», procurando acompanhar o

movimento artistico em Portugal, não devia demorar essa expansão d'intellectualidade de um joven auctor, motivo porque só no proximo numero se occupará do caso Freitas Branco — Ruy Coelho, para hoje annuciado.

DESAGGRAVO

PEÇA EM 4 ACTOS

ORIGINAL DE VICTORIANO BRAGA

ACTO 2.º

Escritorio luxuoso de Antonio de Sampaio...

SCENA 4.ª

D. JOSÉ

Agora Antonio, deixa-me agradecer-te mais vez o teu enorme favor e pedir-te mais uma coisa...

ANTONIO

Que é?

D. JOSÉ

O favor de vires jantar hoje, commigo e com Luiza...

ANTONIO (*grave*)

Agradeço muito, mas não posso de maneira alguma acceptar.

D. JOSÉ (*sorrindo*)

Ora!... Qual não podes! Dize antes que não queres...

ANTONIO

Creia que não posso.

D. JOSÉ

Olha que a Luiza sympathisa muito contigo, estou certo que havia de gostar...

ANTONIO

E'-me impossivel.

D. JOSÉ (*caminhando para a porta do fundo*)

Outro dia será, já que hoje não queres dar-nos esse prazer... Adeus e mil vezes obrigado... (*Dá duas palmadinhas na mão de Antonio e sae.*)

SCENA V

ANTONIO (*indo á porta lateral abrindo-a e chamando*)
Luiza! Já podes entrar...

LUIZA (*entrado nervosa apertando as mãos de Antonio*)

Ah!... Finalmente!... Que queria esse homem de ti?! Porque não me disseste pelo telephone que o esperavas?!...

ANTONIO (*entre meigo e serio*)

Eu devia zangar-me muito contigo... Foste muito imprudente... tinha-te prometido...

LUIZA (*interrompendo*)

Pois sim... ralha... zanga-te, faze o quizeres, mas dize-me... dize-me e depressa, que quer o José de ti?! Que veio cá fazer?!...

ANTONIO

Veio tratar de um assumpto particular, não sejas curiosa...

LUIZA (*afflicta*)

Não veio desafiarte-te?... Não?... Juras-me que não?

ANTONIO (*quasi meigo*)

Bem se vê que não conheces as praxes do duelo... Então, se elle quizesse bater-se commigo...

LUIZA (*interrompendo amuada*)

Bem sei... mandava testemunhas, mas quem teia elle que se prestasse a cá vir?! (*ri nervosa*).

ANTONIO (*sorrindo*)

Não nos bateremos, descança.

LUIZA

Mas dize-me, peço-te pelo que ha de mais sagrado... estou anciosa por saber... Que quer elle de ti?

ANTONIO

Só te posso dar a conhecer um dos seus pedidos; depois de o saberes ficarás descançada... mas... tens de prometter-me sob a tua palavra, que não me perguntarás mais coisa alguma sobre a visita de teu marido...

LUIZA (*pensando*)

Se ficar descançada... prometto.

ANTONIO (*gracioso*)

Promettes? Vê o que dizes!

LUIZA (*solemne*)

Prometto.

ANTONIO

Veio pedir-me para eu jantar hoje em tua casa... (*sorrindo*) e desde já te posso afirmar que não irei, (*com dignidade*) escusado seria dizer-t'o.

LUIZA

Serio?... Então estou descançada!... Juras?

ANTONIO

Juro.

LUIZA (*desconfiada sem querer interrogar*)
Mas!... Que pedidos seriam os outros?...

ANTONIO (*interrompendo*)

Então a promessa?! (*docemente*) Esqueça-se um bocadinho de que é mulher... e... (*fingindo-se serio*) não torne a ser imprudente, ouviu?

LUIZA

(*Abraçando Antonio pelo pescoço muito ternamente*)
Que susto, que eu tive, meu amor!... Tenho tanto medo... tanto medo de perder-te!
(*Unem os labios n'um longo beijo*)

O PANNO CAE DEVAGAR



BOX

Foi no seculo XVIII, que o jogo do box se desenvolveu em Inglaterra, havendo espectaculos muitissimo concorridos, onde adversarios de nome disputavam sommas consideraveis subscriptas por incorrigiveis amadores da arte de *boxing*.

Ha uns annos a esta parte que o *box* entrou em moda, havendo de quando em quando *matches* emocionantes, disputados entre os mais terriveis atiradores.

Nos ultimos tempos o mais extraordinario combate, foi o travado entre Tommy-Burns e o negro Jack Johnson, em dezembro de 1908, em Sydney (Australia). Foi uma loucura. Os jogadores exhibiram-se perante uma multidão de perto de 16:000

peessoas. A receita do *record* foi de £ 25:400 ou sejam réis 114:300\$000. Os combatentes receberam £ 8:000 (réis 36:000\$000), tendo Burns recebido mais £ 350 (réis 1:575\$000) de uma empresa cinematographica.

Foi este o combate mais sensacional em materia de *box* n'estes ultimos annos. O negro Johnson venceu Burns, não sem custo, havendo de parte a parte lucta feroz, tendo por vezes que intervir a policia.

Não só a policia teve que intervir em certas phases do combate, como tambem teve que impôr-se ás scenas de pugilato que de quando em quando se travavam entre os espectadores.

Ora o *box* é um *sport* que, em geral, sómente os povos do norte o praticam, não despertando quasi nenhum interesse aos do sul.

O *box* muito dado aos inglezes e americanos tambem desperta a curiosidade dos francezes, tendo estes adaptado ao *box* inglez, que é sómente a murro, alguns golpes de pé do antigo *chanson* ou *savate*, tornando-se assim o jogo mais terrivel.

Do *savate* parisiense combinado com o *box* inglez nasceu o *box* francez. Charles Lecour operou esta combinação de uma fórma methodica, e Alexandre Dumas não exitou em classificar-o *d'homma de génie*.

Em Portugal nunca se cultivou a *arte de quebrar dentes*, como diz o celebre *boxeur* James Corbett, sendo muito escaço no nosso meio sportivo encontrar quem se exponha a estes combates. Encontram-se alguns *sportsmen*, que se limitam a demonstrar os principaes golpes, nada mais. O que não admira, visto que o *box* não foi destinado aos povos do sul, pois que se estes povos, irritados como são, fossem apaixonados por taes combates, estes seriam mais renhidos do que os travados entre povos do norte.

Estes *matches* realizados em Lisboa por jogadores contractados, teem despertado interesse, não ha duvida, mas sómente em meia duzia de afficionados; o resto da assistencia a taes espectaculos nenhum calor teem durante o decorrer da lucta.

O ultimo combate realizado ha dias no Colyseu de Lisboa, correu desanimado, o que não admira, pois que os *boxeurs* eram de 10.^a cathgoria, pois nenhum atirador de nome se limitaria a disputar um premio de 1:800\$000 réis.

Como exercicio de *sport*, o *box* não é o que mais desenvolve, pelo menos o *box* inglez; o *box* francez tem movimentos muito mais desenvolvidos; mas ainda assim deixa muito a desejar para ser classificado como um bom exercicio physico.

Muitas mais considerações poderia fazer sobre o assumpto, mas o espaço é diminuto para entrar em considerações, e, portanto, limitar-me-hei em dizer que, para arma de defeza é de primeira ordem, sempre que o parceiro não esteja armado de uma boa bengalla e que não a saiba manejar bem.

ROMOLO.

Tiros certos

O' senhores espectadores dos theatros portuguezes, vejam se teem mais uma pontinha de consideração, tomem mais uma pinguinha de chá, leiam um manual qualquer de civilisação e entrem nas salas de espectaculos a horas e de fórma a não incommodarem quem pagou e tem direito a vêr e ouvir o que se representa, com commodidade. Cada vez estão peores e é nas classes que frequentam fauteuils e camarotes que se encontra mais falta de consideração. Sóbe o panno e então é que co-

meça essa «gentinha» a entrar, arrastando as cadeiras dos camarotes e fazendo levantar filas e filas de espectadores da platéa, de fórma que quando tudo chega a socegar, desce o panno e acabou-se o 1.^o acto.

Chega o 2.^o acto repete-se a mesma scena, o 3.^o idem, e vae uma familia que pagou quatro ou cinco mil réis por um camarote, ou uma pessoa que pagou mil réis por um fauteuil, para casa, sem ter assistido ao espectaculo com a commodidade a que tinham direito.

No Gymnasio, além d'estas scenas que, infelizmente, se dão em todos os theatros, ainda ha uma nota final: é o Araujo do rabeção que entra em scena: acaba o sextetto de tocar no 3.^o acto de qualquer espectaculo e lá fica o mestre Araujo a vestir o rabeção com todo o vagar, tapando a vista a quem está nos fauteuils. Elle bem ouve os espectadores a reclamarem para que os deixe vêr para o palco, mas mestre Araujo faz ouvidos de mercador. Não haverá quem veja isto?

Ha dias, assistindo a uma das representações da «Viuva Alegre», no Trindade, sempre que se cantaram os melhores trechos d'aquella operetta, havia um visinho espectador que marcava compasso de tal maneira e com uma tal «patinha» que não havia fórma de poder apreciar convenientemente o melhor da operetta.

Emfim, quem se dispuzer a ir ao theatro, tem de se revestir de uma paciencia extraordinaria, e nunca fazel-o para se dispôr bem, pois lhe succederá perfeitamente o contrario.

O' Carlos Leal, que tal foi o enxerto?

O retrato do Antonio Costa, no 2.^o acto do «Rato Azul», foi tirado quando elle era mais «velho».

O' Sophia Guerreiro, deixa-os lá, e chagate a elles.

O Julio Guimarães está peor da perna...

As «Novidades», referindo-se ás conço-netas do Chaby, diz que elle deu em cheio. Pudera, como havia de dar o Chaby senão em cheio!

Que diabo de ministro é aquelle da «Agulha em palheiro». Ha gatos pingados em enterros de creanças mais bem vestidos.

O' meninas coristas do Apollo, não teem tempo de namorar sem ser no palco? E' descaramento demasiado. Lá porque o Carlos Leal faz o mesmo, não se dá que todos o façam.

Como é contra a ordem, pedimos providencias á empresa, porque pagamos para vêr representor e não namorar... e, etc., etc..

O' Maria Romo, quando entras com o besugo, elle já vae escamado?

J. P. A.

Tauromachia

Com uma bella tarde realizou-se no domingo passado a segunda corrida da epocha.

A praça encontrava-se quasi cheia, fraquejando o sol, e dando a nota alegre e festiva as gentis damas que com as suas vaporosas *toilettes* ornamentavam com galhardia o vasto redondel.

E' sempre com prazer que escrevo, quando tenho que registrar na sua maioria boas impressões. E, assim, principiarei por me referir ao gado, pertença do sr. Emilio Infante, que estava muito bem tratado, e na sua maioria cumpriu com os seus deveres de cidadão das lezírias.

Com respeito á lide a cavallo tenho a especialisar o trabalho do sr. José Casimiro, que no seu primeiro touro farpeou com arte, saber e proficiencia, rematando com um ferro curto magistral; no seu segundo houve-se da mesma fórma, não brilhando como no primeiro, devido ao seu antagonista não se querer prestar ao castigo. Foi quem teve as honras da tarde, sendo de toda a justiça a ovação que lhe tributaram. Assim é que é, sr. José Casimiro, continue, e aqui estaremos sempre promptos a applaudil-o.

Eduardo Macedo apresentou dois bellos cavallos de combate, que sacrificou desastrosamente ás iras dos grandes brutos que lhe largaram.

Foi a nota triste da corrida; lidar, como o fez, é assassinar a Arte e inutilisar montadas.

Pois o sr. Macedo citando o touro e não dando sahida ao cavallo, fatalmente havia de ser colhido, outra coisa não podia esperar.

Tenha de futuro mais consciencia da arte e amor pelas suas montadas.

Com respeito aos *espadas*, que eram *Revertito* e *Rere*, tenho a especialisar o trabalho do primeiro, que, com as bandarilhas, teve uns *cambios* muito regulares e uma sorte de *silla* magistral; com a *mueta* teve bellos passes, sendo de notar a sua intrepidez, pois as suas fainas foram sempre muito cingidas.

Rere, com bandarilhas, esteve infeliz, e cambiando-se foi colhido; com a *mueta* diligenciou agradar, tendo uns passes regulares no seu primeiro touro; no entretanto mostrou possuir facultades.

Dos outros lidadores ha a destacar um bom par a quarteiro de Cadete, bem como outro de Thomaz da Rocha, que reapareceu, mostrando vontade de satisfazer o publico.

Theodoro Gonçalves esteve sempre muito diligente e opportuno.

Dos outros nada ha digno de registo, a não ser uma boa péga feita pelo *Mocada*, mas com falta de ajudas a tempo; na segunda não se chegou a pegar por causa da pouca harmonia que existe nos forcados, recolhendo um para a enfermaria.

Direcção acertada.

MARIO NOGUEIRA.

CAMPO PEQUENO

DETALHE DA CORRIDA

que principia ás 3 ¹/₂ da tarde:

- 1.^o touro — para José Casimiro
- 2.^o » — » Jorge Cadete e Vito
- 3.^o » — » Francisco Xavier e Ribeiro Thomé
- 4.^o » — » Morgado de Covas
- 5.^o » — » Espada **Bienvenida**

INTERVALLO

- 6.^o touro — para José Casimiro
10. » — » Jorge Cadete e João d'Oliveira
- 8.^o » — » Espada **Bienvenida**
- 9.^o » — » Morgado de Covas
- 10.^o » — » Ribeiro Thomé e Malagueño

Este programma pôde ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

Automoveis recommendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 975 — chauffeur — Accacio de Paiva
 787 — — — João Carujo
 987 — — — Antonio Paes

Serviço por taximetro em Lisboa
 Serviço de theatro e baile

TELEPHONES — 2702 e 2698

LISBOA

OFFICINA DE FUDIÇÃO DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO
 FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varios para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e aparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas
 Dourar
 pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES
 R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

“MERCEDES”

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 75 — LISBOA

ACCESORIOS

Reparações em todas as marcas de machinas

Copias à machina — Traducções
 Ensino de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3086 — Agencia no Porto

Armazem de viveres

73, RUA DO CARMO, 75

Generos de primeira qualidade

IMPORTAÇÃO DIRECTA

JOSÉ DA COSTA

COMPLETO SORTIMENTO DE PRODUCTOS DO BRAZIL

Carne secca, linguas do Rio Grande
 farinha de Seruhy, pimentinhas, etc.

TELEPHONE 1436

Telegramas (TOWISKY- ISBOA)

J. VILANOVA & C.ª

160, Rua da Boa Vista, 162

(ao Conde Barão)

Correias de couro, balata, algodão e pello de camello. Epanques, amiantos e borrachas para usos industriaes. Grande sortido de ferragens americanas para todas as industrias. Bombas e forjas de todos os systemas, engenhos de furar, etc.

Especialidade em correia de couro americano, marca (LOWSKY) registada

Lubrificadores para oleos e gorduras solidas. Tubos de vidro nivel Cabos de couro para transmissões de força motriz, Fricolina para evitar o resvalo das correias, tira-tacos e demais artigos para a industria. Mangueiras de lona de borracha, chupadores, etc.

UNICOS AGENTOS: Dos motores a gazolina STOVER

Da acreditada fabrica de GANDY

De Turner Brothers de ROCDALE

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO



Para S. Vicente, S. Thiago, Príncipe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaíre, Ambriz, Loanda, (S. Nicolau, Cato, Egypto, Benguela Velha, Quissambo, Ambrizetto, Quizan, Quissanga, Boma, Noupi, Matadi, Landana, Muculi e Musserra, com haldeação em Loanda), Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes, sahe do cas da Fundição, do dia 22, o paquete ZAIRE.

Não recebe carga para S. Vicente, S. Thiago, S. Thomé e carga liquida para Loanda.

De on para Fernando Pó recebe passageiros com trasbordo na ilha do Príncipe.

Para carga, passageiros e quaesquer esclare imentos, trata-se:

No PORTO: Com os agentes H. Burmester & C.ª — Rua Infante D. Henrique.

EM LISBOA: Escriptorio da Empresa — 85, Rua do Commercio.

LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, aparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dynamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamentto metalico, arcos voltaicos, resistencias, acumuladores e aparelhos de precisão, ventoinhas e aparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, pára-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTHEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES

ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-III3

LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT.

Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Maison Parisienne

— ELIE LAGARDE & C.ª —

CONFISERIE - PATISSERIE

— 262 — Rua Aurea — 264

Grand assortiment en Dragées et amendes Françaises; Bonbons de Chocolat. Grand choix en cartonages et articles de Paques, Belle variété en boites de phantaisie.

La maison se charge de toutes les commandes concernant sa specialité.

ENCAERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Raulino Jereira

Succursal das

Officinas

de encadernação movidas a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 20-22

Vinho Verde de 1.ª qualidade
 Azeite de Castello Branco muito fino
 Vinhos finos e licores

PEREIRA DUARTE

Cirurgião-dentista



Largo do Conde Barão, n.º 19

(ABERTO ATÉ À MEIA NOITE)
 Excepto aos domingos

ATTENÇÃO

A VIDA ARTISTICA

Offerece no dia 1 do proximo mez de Maio a todas as pessoas
que desejem ser seus assignantes, um bilhete para assistir gratuitamente
ao espectáculo que n'essa noite se realizará

NO

Theatro do Gymnasio

A assignatura para este effeito será por 12 mezes

A distribuição dos bilhetes será feita da seguinte forma:

- 1 frisa a cada uma das primeiras 11 pessoas que nos enviem a assignatura.
- 1 camarote de 1.^a ordem a cada uma das 16 pessoas que se sigam ás 11 anteriores.
- 1 camarote de 2.^a ordem a cada uma das 21 pessoas que se sigam ás 16 anteriores.
- 1 camarote de 3.^a ordem a cada uma das 16 pessoas que se sigam ás 21 anteriores.
- 1 fauteuil a cada uma das 94 pessoas que se sigam ás 16 anteriores.
- 1 cadeira a cada uma das ultimas 120 pessoas que façam entrega do referido boletim.

**Os bilhetes de geral e varandas serão vendidos na bilheteira e o seu producto
entregue ao **SECULO**
para ser distribuido pelos seus pobres protegidos**